

# A MELANCOLIA E O EMBOTAMENTO DA MEMÓRIA EM *LEITE DERRAMADO*

## MELANCHOLY AND OBLIVION IN *LEITE DERRAMADO*

Célia Cristina da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

O objetivo deste texto é relacionar alguns conceitos sobre o apagamento da memória na obra **Leite derramado**, de Chico Buarque. Seguindo as teorias de Paul Ricoeur, em **Memória, história, esquecimento** e de Sigmund Freud, em **Luto e melancolia**, o texto apresenta uma análise da obra apontando de que forma a melancolia afeta a memória do narrador, fazendo com que ele conte sua história de maneira não linear, fragmentada e embotada.

**Palavras-chave:** Melancolia. Memória. Esquecimento. Chico Buarque. **Leite derramado**.

### Abstract

The objective of this text is to relate some concepts about forgetfulness in **Leite derramado**, by Chico Buarque.

Guided by Paul Ricoeur's theory in **Memory, History, Forgetting** and Sigmund Freud's essay **Mourning and Melancholy**, the text analyses the story pointing how the melancholy affects narrator's memory, making him tells his story in a non-linear, fragmented and disturbed way.

**Key words:** Melancholy. Memory. Oblivion. Chico Buarque. **Leite derramado**.

### Introdução

A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. (BUARQUE, 2010, p. 41)

Antes de indicar a leitura do romance **Leite derramado**, costumo alertar as pessoas que possuem idosos com algum tipo de senilidade na família que devem se preparar para lerem o que vivem. E recomendo, também, aos leitores que estejam numa fase depressiva, que tomem um Prozac antes. Não que o livro tenha um tom byroniano, pessimista, muito menos melodramático. É que a ficção tem esse poder de fazer viver e reviver sentimentos e dramas que nem sempre se está preparado para viver e reviver.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos literários pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: celiacrissilva@uol.com.br

Para quem já foi voluntária em uma “instituição asilar” ou “casa de repouso” (antes do politicamente correto era comum chamar de asilo mesmo), não há como evitar identificação imediata com a leitura. Chega a causar impacto ver, nas páginas desse livro, tanta realidade. Conheci muitos Eulálios e Eulálias. Fui uma ouvinte anônima — como a do livro — que, ao lado da cama ou da maca, ouviu relatos tristes, confusos e doloridos de idosos, também derramados em profusão, fora de cronologia, carregados de melancolia.

Mesmo sabendo que se trata de uma obra de ficção, a leitora empírica em mim resgata, na experiência do asilo, velhos relatos ouvidos. E se pergunta, da mesma forma que a jovem que fui se perguntava há anos, diante de relatos tão confusos: “O que faz algumas coisas serem esquecidas ou embotadas, enquanto outras permanecem tão vivas na memória?”

Neste trabalho, proponho-me a fazer uma análise do embotamento da memória na obra **Leite derramado**, de Chico Buarque (2010), à luz da teoria de Paul Ricœur (2007).

## **Um romance de perdas**

**Leite derramado** parece ser a narrativa da irreversibilidade das coisas. Conta a trajetória de uma vida decadente e infeliz, mas com momentos felizes (e, por isso, *memoráveis*: dignos de serem lembrados) — que são uma espécie de âncora na qual a memória do narrador-personagem se agarra.

A leitura desse romance tem um gosto de “romance de perdas”. Chega a causar certo impacto a forma quase natural com que Eulálio conta sua vida, atravessada por sucessivas perdas: do pai, da fortuna, das propriedades, do *status*, da esposa (principalmente dela), do neto, do bisneto... É interessante observar que a forma como o personagem conta essas perdas — sem lágrimas nem melodrama — não o transforma em “coitado”, mas reforça seu papel de vítima. E é justamente essa vitimização que dá um tom melancólico à narrativa.

Porém, não se percebe tudo isso de imediato. A narrativa está longe de ser linear. O leitor sente-se como que viajando em uma máquina do tempo com defeito. Ora é arremessado para um passado remoto, ora para um passado mais recente, com nomes e informações soltas, sem compreender bem a cronologia dos fatos. As lembranças de Eulálio são espontâneas, brotam e jorram, mas sua narrativa está repleta de lacunas, idas

e vindas. Ele tem lapsos e gradações de memória. À medida que conta sua vida, em um leito de hospital, vai retomando fatos já comentados e acrescentando detalhes que não havia contado antes. Por conta dessa narrativa “em espiral”, só é possível reconstruir sua história depois de ler o romance quase por completo. Ler a narrativa de Eulálio e tentar sequenciar os fatos é como montar um quebra-cabeça.

O problema é que há peças repetidas, peças que se superpõem, os contornos são os mesmos, ou quase, a tonalidade pode ser diferente. Imagem mais expressiva do modo de realização do romance é imaginar que há mais de um jogo a ser montado. É preciso decidir a peça que cabe no cenário que representa o que de fato foi vivido, o que se encaixa na cena tal como a memória reconstrói o vivido (WEINHARDT, 2012).

Por conta desse “embotamento da memória” que acomete o personagem, **Leite derramado** é aqui observado sob a ótica da teoria de Paul Ricœur, no livro **A memória, a história, o esquecimento** – em que o autor apresenta percursos possíveis para se reconstruir uma trajetória narrativa e as possíveis causas desse impedimento de memória.

### **O começar, o continuar e o cessar**

Segundo Husserl (*apud* RICŒUR, 2007, p. 52), existe um “ponto-origem” que faz com que haja um antes e um depois. Esse ponto está bem demarcado na história de Eulálio: é seu encontro com Matilde. Ele tinha dezesseis anos quando seu pai foi assassinado. Viu Matilde, pela primeira vez, na missa de sétimo dia do pai. Sua reação à visão da moça (e à fantasia que teve com ela) foi tão forte que teve uma ereção e não pode se levantar para ir comungar. Finda a missa, quando estava recebendo as condolências ao lado da mãe, do lado de fora da igreja, Matilde se aproximou e disse seu nome, como se o estivesse batizando ou nomeando cavaleiro. Esse momento marca o início de uma nova fase para Eulálio, como um rito de passagem. Ele deixa de ser o filho, o menino, para se tornar homem, e assim é “trazido à vida” por Matilde. Não por coincidência, essa é a primeira vez que o nome do personagem é dito. Até então, ele só tinha dado a conhecer o sobrenome da família.

Esse encontro com Matilde será rememorado várias vezes ao longo da narrativa, sem muitas variações. No entanto, a continuação do relacionamento – o casamento, o

nascimento da filha, a vida social – vai sendo gotejada em espirais graduais de lembranças.

O fim do relacionamento entre Matilde e Eulálio é turvo, contado em “degradês retencionais” (RICŒUR, 2007, p. 52) que oscilam e vão carregando o leitor nessa máquina do tempo confusa que é a memória de Eulálio.

À semelhança da dúvida que assalta um leitor de romances policiais, querendo saber quem foi o autor de um determinado crime, o leitor se pergunta, enquanto vai lendo: “Afinal, o que aconteceu realmente com Matilde?”. Sabe-se que ela saiu da vida do narrador: “É esquisito ter lembranças de coisas que ainda não aconteceram. Acabo de lembrar que Matilde vai sumir para sempre.” (BUARQUE, 2010, p. 117)

Esse “sumiço” de Matilde é apresentado pelo narrador em diferentes versões, que vão sendo expostas ao longo de sua fala. Em determinado ponto da narrativa, entende-se que Matilde morreu, deixando tudo o que tinha nos armários. Eulálio fazia outras mulheres usarem suas roupas e joias, numa tentativa de mantê-la viva. Conversando com a filha, Maria Eulália, ele utiliza o verbo “deixar” como um eufemismo para morrer: “[...] descuidei de acompanhá-la [...], logo que sua mãe nos deixou” (BUARQUE, 2010, p. 94).

Na sequência, ocorre a revelação do abandono: “Da babá ao portuguesinho do armazém, todos sabiam que a sua mãe, desarvorada, tinha partido sem deixar um bilhete ou fazer a mala” (BUARQUE, 2010, p. 95). Que Matilde havia partido estava esclarecido. Saíra no meio da noite, deixando tudo para trás. Mas... foi para onde? Como? Por quê? Daí em diante, há uma sucessão de *loopings* e de explicações conflitantes sobre o paradeiro de Matilde.

Ao ocultar a verdade da filha, Eulálio abriu espaço para especulações. A menina ouvia versões diferentes na rua, na escola, na família, e confrontava o pai – que continuava ocultando a verdade e criando novas justificativas:

- Ora Matilde fugira com um amante.
- Ora se suicidara.
- Ora morrera afogada.
- Ora morrera em um desastre de automóvel. (Eulálio até providenciou um túmulo vazio para validar essa versão.)

Weinhardt (2012) comenta, a respeito das dúvidas levantadas sobre Matilde ao longo do relato de Eulálio:

Quase tudo a respeito de Matilde fica sob o signo da dúvida, exceto a paixão que o toma. A perda da amada determina sua falta de rumo na vida. Entre as frustradas buscas para encontrá-la e as tentativas de construção de uma origem para apresentar à filha, somadas com a idealização própria do objeto do desejo e os fantasmas entrevistados por um ciumento, tudo se funde e confunde na rememoração.

Ele revela que a esposa havia solicitado a um médico francês, conhecido da família, que a internasse num sanatório do interior do estado, incógnita, para ser tratada de tuberculose. Somente assim evitaria problemas para o marido e a filha, já que a doença estigmatizava pacientes e familiares (BUARQUE, 2010, p. 163). O médico passou, então, a enviar cartas ao marido de Matilde, falando sobre seu tratamento e sua condição.

Eulálio cita a penúltima carta do doutor e se refere à “trágica desapareição de Matilde” (por quatro vezes). Entende-se que ela morreu (BUARQUE, 2010, p. 188).

Ele não abre a última carta do médico. Como se anteviesse o trágico final da esposa, prefere não tomar consciência da realidade e ignorar o que realmente houve com ela. O narrador, dessa forma, quer acreditar que, ao ignorar o conteúdo da carta e deixá-la intacta, fez a vontade de Matilde e a deixou sair de sua vida “como desaparecem os gatos, com pudor de morrer à vista do seu dono”. (BUARQUE, 2010, p. 190)

Tornei a examinar o selo cor de abóbora, no valor de duas piastras, devia ser um selo barato, rocei com a unha as pontas do lacre grená, era como coçar a casca de uma ferida. Olhei o envelope contra a luz, absolutamente opaco, e vai parecer covardia eu jamais ter aberto aquela carta. Talvez eu devesse me inteirar do padecimento da minha mulher, desde o princípio, saber que mal o médico viu nela que na intimidade nunca vi [...] (BUARQUE, 2010, p. 189).

## **A memória impedida**

Ricœur (2007, p. 85-86) aponta alguns fatores que podem impedir a memória: o fator biológico, como por exemplo, a senilidade, os traumas e, citando um ensaio de Freud, o luto e a melancolia. Nesse ensaio, o pai da psicanálise (1917, *apud* RICŒUR, 2007, p. 85) esclarece que “o luto é sempre a reação à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração erigida em substituto dessa pessoa, tal como pátria, liberdade, ideal etc. porém em alguns doentes vemos surgir, no lugar do luto, a melancolia”.

No luto não ocorre a diminuição do sentimento de si, mas na melancolia isso ocorre. É o que se percebe, por exemplo, quando Eulálio passa quase seis capítulos falando da família e da esposa, sem falar de si mesmo, e sequer diz seu primeiro nome. Ele não deixou de se apresentar por esquecimento, mas sim pela diminuição da consciência de si provocada por uma relação dolorosa com o passado.

O nome está intimamente ligado à identidade. Como é que um herói de romances históricos constrói sua identidade? Por sua linhagem e por seu nome, por seus feitos. Eulálio fala de sua linhagem ilustre (o tataravô, o trisavô, o bisavô, o avô, o pai...), mas não se apresenta como continuidade dela. Ele é apenas uma extensão da família, do pai. E vai mostrando que não soube manter a linhagem, deixando a fortuna e o nome da família se degradarem, ou seja, não foi um herói. Minou a nobreza da família e viu as chances de recuperação dessa linhagem escoarem nas tristes trajetórias do neto e do bisneto. Eulálio se transforma numa “sombra” do herói.

Outro aspecto interessante é que, no luto, o objeto amado deixa de existir e isso exige que a libido renuncie ao vínculo que o liga àquele objeto. Para Eulálio, assumir o luto seria renunciar ao vínculo que o ligava a Matilde, mas “a existência do objeto amado continua psiquicamente” (RICŒUR, 2007, p. 86) e sua libido permanece ligada ao objeto perdido, daí os sonhos com Matilde, o desejo por ela, o acordar “melado”, a obsessão. Ele não aceita viver esse luto que significa a perda de Matilde e o cessar do relacionamento.

A melancolia, então, assoma quando o luto não é vivido, não é resolvido. “[...] na melancolia é o próprio ego que está desolado: ele cai vítima da própria desvalorização, da própria acusação, da própria condenação, do próprio rebaixamento” (RICŒUR, p. 86). Quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica livre e desimpedido. Nesse aspecto, o trabalho do luto pode ser comparado com o trabalho da lembrança.

O próprio personagem fala de sua dor em um tom melancólico:

Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz, E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida. (BUARQUE, 2010, p. 10).

Eulálio tem uma relação difícil com seu passado. As lembranças causam dor. O presente, para ele, é triste e o futuro praticamente não existe. As lembranças mais

agradáveis são as da infância, período anterior à entrada de Matilde em sua vida, quando o pai estava vivo, a família vivendo com abundância e ele sem grandes preocupações.

Quando Eulálio goteja as possíveis causas da saída de Matilde de sua vida, embotando os fatos, misturando informações, sem ir diretamente ao ponto, está evitando assumir o cessamento de seu casamento. Ele não quer esquecer Matilde pois

[...] o esquecimento impede a ação de continuar, quer por confusões de papéis impossíveis de emaranhar, quer por conflitos insuperáveis nos quais a disputa é insolúvel, intransponível, quer ainda por danos irreparáveis que costumam remontar a épocas recuadas (RICCEUR, 2007, p. 509).

Esquecer seria apagar Matilde de sua vida. Isso pararia a dor, mas apagaria também o objeto de sua devoção. Eulálio não esquece Matilde porque sua vida passou a fazer sentido a partir dela, e perdeu o sentido quando ela se foi. Ele se lembra dela e se alimenta das lembranças. Seu esquecimento é “de reserva”. Recordar-se dos fatos, resgatando-os e completando-os pouco a pouco, até montar o quebra-cabeça.

Ele preferiu não ler as últimas cartas do médico, pois sabia que teria de encarar o fato da morte de Matilde – o cessamento de sua existência. O luto teria de ser vivido e resolvido efetivamente. O objeto amado deixaria definitivamente de existir. E assim Eulálio mantém as lembranças embotadas, postergando o cessar, o fim. Dessa forma a esposa permanece “viva”, mesmo que por meio de lembranças confusas, até o cessar da vida dele. “Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida” (BUARQUE, 2010, p. 148).

## REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Chico. **Leite derramado**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. 1917, vol. XIV, p. 269-291. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/16372739/LUTO-E-MELANCOLIA-FREUD>>. Acesso em: 15 maio 2013.
- RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora Unicamp. 2007.
- WEINHARDT, Marilene. **A memória ficcionalizada em *Heranças e Leite derramado*: rastros, apagamentos e negociações**. Curitiba, setembro de 2012. Não publicado.

\_\_\_\_\_. (org.). **Ficção histórica: teoria e crítica.** Ponta Grossa, PR: Editora UEPG, 2011.